

Nem morte consegue calar Mário Eugênio

Ele sabia demais. Sabia sobre a morte do chacareiro João Batista de Paula Matos e dos ladrões de automóveis Jerônimo Lamas da Silva, o Carioca, e Paulo Fernando dos Santos. Sabia sobre o envolvimento de policiais no furto de veículos de Brasília. Sabia até mesmo que iria ser morto, e sabia quem eram os mandantes. Só não imaginava que entraria para a história de Brasília como vítima de um dos crimes mais bárbaros contra a liberdade de imprensa, arquitetado por aqueles que deveriam garantir a segurança e a liberdade da população.

Mário Eugênio Rafael de Oliveira, então com 31 anos, foi assassinado na noite do dia 11 de novembro de 1984 com sete tiros na cabeça. Jornalista do **CORREIO BRAZILIENSE** e da **Rádio Planalto**, vinha sendo ameaçado de morte logo que passou a publicar a verdade sobre a execução

do chacareiro João Batista de Paula Matos (crime que ficou conhecido como o Caso Três Vendas) e dos puxadores Jerônimo Lamas e Paulo Fernando. Ele garantia que os assassinatos tinham sido realizados por militares do Exército e agentes da Polícia Civil.

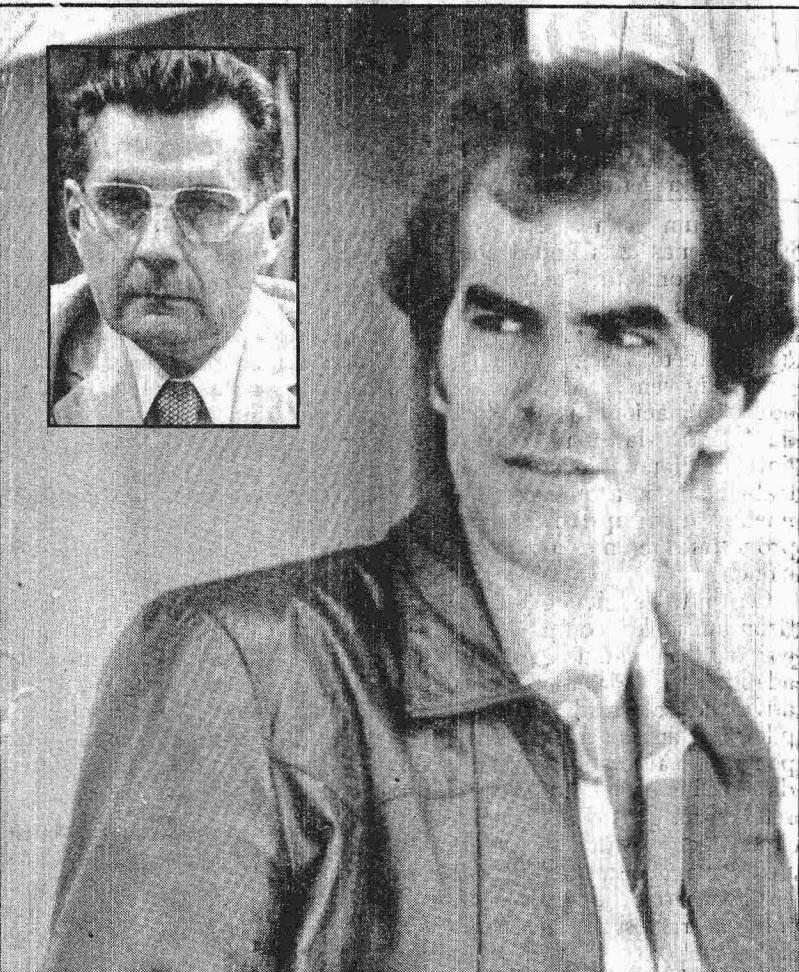
A partir das denúncias no seu programa "Gogó das Sete", na **Rádio Planalto**, e na página policial do **CORREIO BRAZILIENSE**, da qual era editor, suas relações com o então secretário de Segurança Pública, Lauro Melchíades Rieth, tornaram-se pouco amistosas. Mário cobrava uma posição sobre a existência do Esquadrão da Morte em Brasília, que o secretário negava.

Os envolvidos nos crimes denunciados pelo jornalista também estavam dispostos a tudo. O sargento Antônio Nazareno Mortari Vieira e os cabos David An-

tônio do Couto e Aurelino Silvino de Oliveira, lotados no Pelotão de Investigações criminais (PIC) do Exército, tinham envolvimento com o assassinato dos ladrões de carro e do chacareiro. O agente Moacir de Assunção Loiola também havia participado da frustrada investigação em Três Vendas.

O agente Iracildo José de Oliveira era apontado como autor das execuções de Francisco Antônio Soares e Pedro Ernanni Pereira, crimes ocorridos em 1982, em Céu Azul. Divino José de Matos, o Divino 45 (apelido que ganhou de Mário Eugênio), teria ligações com furto de veículos e com a morte de Fábio Mendes. Mário sabia de tudo, não com detalhes, mas suspeitava e denunciava. Foi criando nas suas costas uma equipe disposta a executá-lo. E acabou assassinado, num crime que alterou as atividades policiais em Brasília.

ARQUIVO



Vítima de uma conspiração, onde o coronel Lauro Rieth é um dos suspeitos...